

Por que confiar na ciência | Parte 2, Módulo 2

[00:00:11] **Speaker 1** Uma distinção que é importante a gente fazer, é sobre negacionismo científico e fake news, tem muita confusão. Embora esses dois eventos aconteçam de maneira combinada muitas vezes, isso não precisa ser verdade sempre, e eles são diferentes entre si. Então o negacionismo científico é essa intenção, ou a prática de negar a ciência, negar as verdades da ciência e até mesmo negar os processos pelos quais essas verdades foram construídas. Enquanto que as fake news são a propagação de notícias falsas, embora isso seja um conceito ainda em debate, os especialistas da área de comunicação têm refutado um pouco esse termo e alertado para o fato de que a gente está usando este termo na falta de um melhor. Quando a gente fala em fake news, e muitas das fake news estão relacionadas à questões de ciência - elas começam a atuar em combinação, digamos assim, com o negacionismo - é importante a gente trazer outras perspectivas para essa conversa, porque é uma conversa complexa.

[00:01:24] A gente acabou de analisar juntos o fato de que as alegações para rejeitar a ciência passam por questões de crença pessoal, de cunho ideológico e etc. Mas estudos de neurociência cognitiva têm mostrado que não necessariamente isso é verdade, ou não é verdade isoladamente. Um dos problemas críticos, ou mais graves, é o da ausência de pensamento crítico. As pessoas têm dificuldade de pensar sobre aquele conteúdo que elas estão consumindo. Então eu acho que é muito importante, embora não exista uma resposta fácil, mas o jornalismo precisa encontrar maneiras de educar as pessoas a consumirem notícia de uma forma ativa e crítica, e sem que seja adotada uma postura, digamos assim, passiva para o consumo de notícia. E para agregar essa conversa, é importante a gente entender que quando se trata de fake news, vai muito além simplesmente da propagação de notícias falsas, tem todo um ecossistema de mídia que precisa ser analisado, e isso passa pela maneira que a informação trafega nas redes sociais e na internet, e passa também por ações criminosas. E é importante a gente trazer para essa conversa o conceito do ecossistema da informação, do ecossistema de mídia, para que a gente possa cada vez mais ouvir especialistas nesse assunto e entender como a informação trafega para que a gente possa comunicar de maneira mais efetiva.

[00:03:15] Diante de tudo isso que a gente analisou, eu acho que dá para chegar à algumas sugestões simples para identificar narrativas negacionistas e para as quais a gente pode estar atento. Algumas delas valem tanto para nossa atuação nas redes sociais quanto também para a prática de reportagem. Então, normalmente, as narrativas negacionistas tentam instaurar a dúvida na cabeça das pessoas, não necessariamente elas são conclusivas. A fala de um negacionista não necessariamente refuta de maneira veemente a ciência, ela pode simplesmente gerar uma dúvida na cabeça das pessoas, e na dúvida a pessoa segue fazendo o que está acostumada, segue acreditando no que já acredita. Então é importante a gente analisar aquela questão do uso de verdades pontuais como se elas fossem verdades inteiras, digamos assim. E eu dei o exemplo das alterações climáticas, mas existem outros, é como pegar um caso isolado de uma pessoa que teve uma reação drástica à vacina da Covid-19 e dizer que aquilo é a totalidade dos casos, quando a gente sabe que não é assim. O uso distorcido de gráficos e dados é bastante frequente, muitas vezes com uma estética horrorosa, mas é importante que a gente esteja atento porque nem sempre uma estética ruim é sinal de uma prática negacionista, pode acontecer o contrário.

[00:04:52] Bom, você já sabe que os consensos científicos importam, mas como lidar com situações onde esse consenso não existe? A gente foi confrontado com isso durante a pandemia, o jornalismo foi confrontado com isso. Aí é importante a gente analisar, de

novo, de maneira crítica, que o jornalista seja atuante nesse processo de construção do conhecimento. Por exemplo, na definição de políticas públicas, que é o caso das vacinas ou do isolamento social, não havia um consenso científico, mas havia um volume de informação confiável e consideravelmente consistente, vindo de diversas vozes de especialistas em inúmeras instituições relevantes, especialistas de fato, apontando na mesma direção. Então não existe um consenso científico, mas existe uma consistência. Este é um bom indicativo para o jornalista comunicar ao público do que aquele assunto se trata, ou mesmo cobrar do poder público quando uma ação não está sendo tomada naquela direção. Porque em muitas situações não tem como esperar para que o consenso aconteça para daí uma decisão política ser tomada, vidas são perdidas, como a gente presenciou na pandemia, e é importante que esse conceito fique bastante claro para você.

[00:06:25] Outra coisa importante: critério na hora de escolher especialista, de escolher as fontes da sua reportagem. A maioria dos médicos, por exemplo, não é cientista, e não está em condição ou não está no lugar certo para falar sobre política pública na pandemia. É um exemplo, mas isso acontece muito também na questão das alterações climáticas. Antes de você marcar uma entrevista, cheque o Currículo Lattes e o Google Scholar daquele cientista, daquela pesquisadora, para ver o número de publicações. A ciência, conforme a gente falou no início da aula, tem o seu valor atribuído justamente a esse trânsito de informações. O cientista que não publica não está se submetendo à esse escrutínio extremamente importante e fundamental para a confiabilidade na ciência. Então desconfie das publicações institucionais. É a mesma coisa do pré-print, que a gente falou na aula passada, não quer dizer que uma publicação institucional não tem valor, é óbvio que não. Ela tem o seu valor e precisa ser analisada. Mas quem são os autores? São especialistas, eles têm publicações relevantes em revistas científicas com um fator de impacto alto? Os pares, os outros cientistas, apontam aquelas vozes como especialistas? É importante que você faça uma investigação, consulte outras fontes. Se você já tem um cientista em quem você confia, pergunte: você conhece fulano? Avisa que a pergunta é em off. Mas é importante olhar as publicações, porque cientista que não publica não é fonte. Aí, é claro que a gente tem que fazer uma consideração importante: o acesso que cientistas desse bloco hegemônico, digamos assim, da América do Norte, da Europa, tem à publicação em revistas de elite - muitas dessas publicações são caras - é maior do que o acesso que cientistas brasileiros têm. Então a gente precisa analisar criticamente. Além das publicações, você olha também a formação do cientista. Essas nuances são importantes a gente analisar. Às vezes você pode ter, por exemplo, um estudante ou um aluno de doutorado que tenha uma pesquisa muito relevante para um assunto específico, mas essa pessoa não tem muitas publicações, ela nem terminou o doutorado. Mas aí você vai ver com quem ela está trabalhando e você conversa com um orientador dela, conversa com ela. Então essa análise crítica precisa ser feita na hora de escolher as fontes para sua entrevista.

[00:09:27] E o mais importante, eu considero muito relevante a gente tomar cuidado com chamar cientista para falar de tudo, inclusive de coisas que aquele cientista ou aquela pesquisadora não dominam. É melhor que você escute esse cientista naquele assunto no qual ele é especialista. Então às vezes o jornalismo fica nessa posição pouco confortável de chamar, por exemplo, um cientista na Amazônia que trabalha com fogo para falar sobre água. E alguns cientistas não se recusam a dar essas entrevistas. Outros se recusam, falam: "olha, eu não sou especialista mas eu recomendo que você procure os especialistas", porque você tem mais a ganhar na construção desse quebra-cabeça que é a reportagem. Aí se você estiver trabalhando com um assunto complexo, multifatorial, você fala com vários especialistas.

[00:10:23] Para cumprir bem o nosso papel no jornalismo científico, é importante que a gente olhe para dentro também, para o próprio viés e para os nossos próprios valores, para que a gente possa questionar um pouco as conclusões às quais a gente está chegando durante a apuração quando a gente esbarra no tema da ciência. Então se você tiver uma interpretação de um determinado estudo, compartilhe com a sua fonte, fale "o que eu entendo do estudo é isso aqui, faz sentido?" Essa é uma conversa que, eu garanto, vai ser uma troca muito rica. Não tem problema você chegar às próprias conclusões, mas você precisa, antes de publicar, submeter isso à um especialista.

[00:11:05] Outro ponto que eu acho muito importante é que às vezes a gente se preocupa muito, no jornalismo, em chegar logo à resposta, mas ficar com a pergunta é valioso. Algumas respostas são mais densas e complexas, e a gente não chega à elas de imediato, a gente precisa mesmo de um trabalho, uma investigação. O jornalismo científico trabalha também com a investigação, não é só o jornalismo de denúncia. Então, às vezes, se numa determinada pauta você não chegou aonde você queria com aquele assunto, continua trabalhando, porque outras pautas podem surgir daí.

[00:11:42] Bom, a gente está chegando ao final da aula e eu espero que ela tenha sido útil para a sua compreensão dos mecanismos que tornam a ciência confiável e que isso tem um impacto direto no seu trabalho. Porque eu garanto para você, dados científicos confiáveis são uma ferramenta poderosa para desmontar narrativas falsas. Eu tenho certeza que no cenário político atual tem um valor inestimável. Eu espero que você tenha gostado da aula e a gente se vê na próxima, um abraço.